

UNICAMP

P41.30

EVENTO: Renée Gumiel

VEÍCULO: Folha de São Paulo

DATA: 20 de novembro de 1993

PÁGINA: 5 - 3

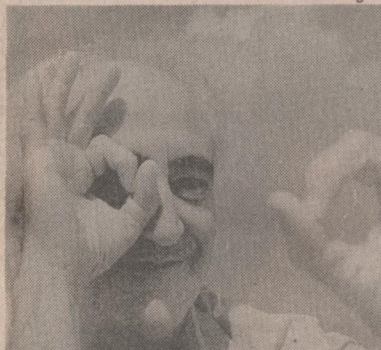
SEÇÃO: Ilustrada



Renée Gumiel inicia 'novo ciclo' aos 80

A bailarina e coreógrafa estréia o espetáculo 'A Memória Gruda na Pele' na quinta-feira, dividindo o palco com um aluno

REPERCUSSÃO



Folha Imagem

José Celso Martínez Corrêa, diretor teatral: "Com as revoluções estéticas e tecnológicas, o século 20 procovou um rejuvenescimento na humanidade. Renée tem a juventude deste século. É eternamente moderna, tanto que vai dançar aos 80 anos. Ela representa o lado iluminado da cultura francesa e sempre foi uma referência para meus avanços."

Marilena Ansaldi, bailarina e atriz: "Com seu preparo e inteligência, Renée influenciou todos nós. Ela tem o dom especial de abrir cabeças. Também é a mulher mais corajosa que já conheci; enfrentou com bom humor os momentos mais complicados de sua vida."

Bete Coelho, atriz: "Acho Renée formidável, de uma sensibilidade extraordinária, embora nunca tenha trabalhado com ela. Seu trabalho é de extrema importância não só para a dança, mas também para o teatro."

Milton de Andrade, psicólogo e bailarino que participa do novo espetáculo de Renée: "Ela me ensinou a integrar a dança à vida. Renée diz que saber dançar é conhecer os limites do corpo. Ela lida com esses limites perfeitamente e, por isso, consegue dançar aos 80 anos."



Niels Andreas/Folha Imagem

Renée Gumiel em ensaio de 'A Memória Gruda na Pele'

ANA FRANCISCA PONZIO

Especial para a Folha

Nos EUA e Europa a dança moderna já havia produzido uma segunda geração de revolucionários quando Renée Gumiel mudou-se para o Brasil, em 1957. Isadora Duncan tinha substitutos como Martha Graham e Merce Cunningham, mas, por aqui, pouco acontecia além de algumas manifestações acadêmicas. Formada na vanguarda européia, Renée marcou uma nova fase, mudou mentalidades, difundiu informações e, como Kazuo Ohno, chega aos 80 anos dançando.

Com o espetáculo "A Memória Gruda na Pele", que estréia quinta-feira no Teatro Sérgio Cardoso, Renée quer mostrar que terceira idade não existe. Pelo menos no sentido convencional. "Não estou me despedindo do palco", diz. "Completar 80 anos significa iniciar um novo ciclo. Claro que o corpo fica mais frágil com o tempo, mas é possível manter a cabeça jovem quando se preserva a fantasia e o idealismo."

Se depender do diretor teatral José Celso Martínez Corrêa, Renée continua em cena. Ele pretende convidá-la para interpretar um monólogo inspirado em Cacilda Becker, em 1994. "É uma peça que escrevi especialmente para ela. Renée também é atriz, tem presença cênica poderosa. Ano passado realizou uma leitura dramática dessa peça e foi aplaudida em cena aberta."

Nascida na cidade francesa de Saint-Claude, Renée começou a estudar dança em 1932. Já morava em Paris e, em vez de seguir as tradições clássicas de seu país, preferiu estudar com uma discípula de Mary Wigman, pioneira do expressionismo alemão. Em se-

guida ingressou na Dartington Hall, a famosa escola inglesa que proporcionava educação artística integral. "Além da dança moderna, lá aprendia-se anatomia, composição, música, folclore, teatro, artes plásticas."

Em Dartington Renée teve mestres como Rudolf Laban (que relacionava a dança à vida cotidiana e criou uma ciência dos movimentos) e Kurt Joos, mais conhecido por uma obra-prima coreográfica, "A Mesa Verde". Ela ainda frequentou as aulas de outro expoente da dança moderna européia, o alemão Harald Kreutzberg. Na Sorbonne, formou-se em filologia e, em meio à efervescência cultural parisiense, iniciou sua vida profissional.

No Théâtre des Champs Elysées, Renée dançou "A História do Soldado" em 1937, com orquestra sob regência de Stravinsky. No mesmo ano, participou do Festival de Salzburgo, a convite de Max Reinhardt. Jean Cocteau dirigiu-a em "Les Enfants Terribles", exibida em Florença em 1938. A última apresentação em Paris, antes que a 2ª Guerra interrompesse sua carreira, foi num recital com música interpretada pelo violoncelista Pablo Casals. "Trabalhei com os artistas que fizeram nossa época", lembra.

Militante da Resistência francesa, Renée fugiu para a Espanha, atravessando os Pirineus a pé. Foi presa duas vezes e, numa cadeia da cidade de Gerona, dançou para guardas e companheiros de cela. "Ainda não falava português quando estreei minha coreografia 'Stabat Mater', com música de Pergolesi, em São Paulo. Foi a primeira obra de dança moderna apresentada no Municipal."

Renée ainda voltaria à Europa,

para estudar música eletrônica com Stockhausen e Boulez. De volta, revirou o meio artístico paulista. Nos anos 60 fundou a Companhia Dança Contemporânea Brasileira, coreografou para teatro, levou a dança erudita à televisão. Fundou duas escolas, por onde passaram milhares de alunos, enfrentou o câncer três vezes ("todos vencidos"), teve dois filhos, três netos.

Em uma sala alugada no bairro do Campo Belo, Renée continua ministrando aulas, diariamente. O novo espetáculo ela vai dividir com um aluno, Milton de Andrade, 28. Ele dança uma coreografia em homenagem a Renée, na primeira parte. "Um provérbio francês diz que tudo é uma questão de pele", comenta. "A pele chupa tudo, se arpepia quando nos emocionamos, por isso escolhi o título 'A Memória Gruda na Pele'. Não tenho saudades do passado, vivo o presente e o futuro, mas minha vida está escrita em minha pele."

Espectáculo: A Memória Gruda na Pele, com Renée Gumiel

Quando: dias 25, 26 e 28 de novembro; dias 2, 3, 4 e 5 de dezembro, às 21h

Onde: Teatro Sérgio Cardoso/Sala Paschoal Carlos Magno (r. Rui Barbosa, 153, região central de São Paulo, tel. 011/288-0136)

Ingressos: CR\$ 800